

Jornalismo Digital, Esfera Pública e Filosofia Prática: Márcia Tiburi e o protagonismo feminino na redemocratização

Digital Journalism, Public Sphere and Practical Philosophy: Márcia Tiburi and female protagonism in redemocratization

Cláudio Cardoso de Paiva¹

Resumo

Este estudo analisa o trabalho de Márcia Tiburi, protagonista de debates (midiáticos e literários) com acadêmicos e jornalistas, na área de filosofia política orientada para a ética e cidadania. O objetivo é discutir como as mídias sociais e o jornalismo investigativo são reanimados pela razão crítica feminina, enfrentando as atuais formas de regressão ética, política e cognitiva. Para embasar a pesquisa recorremos à Teoria Crítica e ao conceito de "esfera pública" (Habermas, 2023), vetor de democratização e cidadania. Este tem sido atualizado pela crítica feminista (Frazer, 1992; Benhabib, 2007), pela análise acadêmico-jornalística, como "telespaço público" (Bucci, 2021). Articula-se ainda com a "Filosofia Prática" (Tiburi, 2016), contribuindo para o debate em jornalismo, mídias sociais, gênero e cidadania.

Palavras-chave: Jornalismo. Esfera pública feminina. Márcia Tiburi.

Abstract

This study analyzes the work of Márcia Tiburi, protagonist of debates (media and literary) with academics and journalists, in the area of political philosophy oriented towards ethics and citizenship. The objective is to discuss how social media and investigative journalism are revived by female critical reason, facing current forms of ethical, political and cognitive regression. To support the research, we resorted to Critical Theory and the concept of "public sphere" (Habermas, 2023), a vector of democratization and citizenship. This has been updated by feminist criticism (Frazer, 1992; Benhabib, 2007), by academic-journalistic analysis, as "public telespace" (Bucci, 2021). It is also linked to "Practical Philosophy" (Tiburi, 2016), contributing to the debate on journalism, social media, gender and citizenship.

Keywords: Journalism. Feminine public sphere. Márcia Tiburi.

¹ Doutor e Mestre em Sciences Sociales – Universite de Paris V (Rene Descartes), Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É professor no Departamento de Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB. E-mail: claudiocpaiva@yahoo.com.br

Introdução

Para uma compreensão da experiência social e política contemporânea no Ocidente, afetada pelos processos midiáticos e jornalísticos, cabe demarcar alguns fatos históricos: a explosão das torres gêmeas (2001) e a consequente “guerra contra o terror” – que abalou a geopolítica e geoconomia no Oriente Médio – de consequências planetárias; a gestão de Donald Trump nos EUA (2016-2021); a pandemia da covid-19 (2020); e principalmente a reeleição do Presidente Trump, em 2025, quando o contexto mudou (para pior). Este quadro referencial é importante, considerando o modo como na era da globalização, tudo o que ocorre no “Império” (Negri; Hardt, 2001) afeta o Sul Global e envolve as relações geopolíticas, diplomáticas e mercadológicas entre o Brasil e os EUA. Cumpre também relembrar a “guerra de narrativas” ou a “guerra cultural” na internet e mídias sociais, a desinformação e a dissonância cognitiva que devastam as democracias ocidentais. A expressão “guerra cultural” refere-se a um conflito em torno de valores morais e culturais que se manifesta em disputas políticas e sociais. O termo se popularizou nos Estados Unidos no início dos anos 1990, com o livro *Culture Wars* de James Davison Hunter. Na prática, a guerra cultural envolve a polarização de debates sobre temas como aborto, direitos LGBTQIAPN+, imigração e identidade nacional, entre outros.

No caso brasileiro, caberia uma contextualização sociopolítica sob o signo da midiatização tecnológica. Uma demarcação razoável do ponto de vista social e político se iniciaria com os Protestos de Junho 2013, passando pela Operação Lava-Jato, o golpe parlamentar-jurídico-midiático, marcado pela construção do processo de impeachment de Dilma Rousseff da Presidência da República, no ano de 2016 (evento histórico com alto teor misógino), além da gestão neoliberal de Michel Temer, o governo nazifascista de Bolsonaro até o retorno da redemocratização com a vitória do Presidente Lula (2023).

Esses fatos amplamente noticiados na imprensa e nas mídias sociais constituem fortes elementos empíricos, cuja análise é fundamental para a reconstrução democrática. E o pensamento crítico construtivo encontra aí a sabedoria de recorrer à memória histórica (Benjamin, 1994) para avançar no debate político do atual e do cotidiano.

Por esse ângulo, a professora filósofa Márcia Tiburi abre as portas para o acesso ao conhecimento pelo prisma de uma Filosofia Prática. Tiburi é a profissional dos sete instrumentos: ativista política, feminista, colunista da revista *Cult*, autora de vários livros de análise política, social e prosa literária, ex-participante do programa de TV *Saia Justa* (2005-

2010), protagonista de debates (midiáticos e editoriais) com intelectuais, acadêmicos e jornalistas, autora de aulas remotas e conferências (*on-line*) sobre os temas da Filosofia, Sociologia, Psicanálise, Ciência Política, disponibilizados no YouTube. Logo, sua experiência nos permite contemplá-la como expressão da Filosofia Política orientada para uma filosofia da mídia (e do jornalismo) e contributo para uma “esfera pública crítica feminina”.

Ela se exilou do país após o assassinato da vereadora Marielle Franco (14.03.2018), quando foi ameaçada de morte pela extrema-direita, durante sua candidatura ao governo do Rio, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), nas eleições de 2018. No final daquele ano, Marcia Tiburi foi morar fora do Brasil após constatar que naquele momento "não era mais viável" seguir vivendo no país. Conforme noticiado na imprensa da época, a decisão foi tomada após o MBL (Movimento Brasil Livre) convocar uma manifestação contra a presença da escritora em uma feira literária em Maringá (PR) (Correio Braziliense, 2019).

No exílio, escreveu livros (ensaio, poesia e literatura), realizou exposições de artes plásticas e participou de várias teleconferências e conversações *on-line*. No dia 30 de junho de 2023, ela retorna ao Brasil, após passar quase cinco anos no exterior (Gonzalez, 2023) e desde então, tem retomado o ativismo político e cultural, e o seu maior engajamento é na produção de saberes (Ciência e Filosofia), voltados para a emancipação norteada por uma Ética Poética.

3

A Teoria Crítica, o Espaço Público e a Filosofia da Prática

Tiburi é especialista em Theodor Adorno, expoente da Teoria Crítica, primeira geração da Escola de Frankfurt, e daí extrai boa parte do seu arsenal teórico-social-filosófico. Assimila a substância filosófica da sua bagagem (marxismo, psicanálise, antropologia, análise social, crítica literária) e a atualiza. Ao ter sido perseguida por fascistas brasileiros, conhece na pele os efeitos da violência autoritária. Ela foi uma das primeiras a usar o termo “fascista” no livro *Como conversar com um fascista* (Editora Record, 2015). Em suas obras, a potência dialógica falada, escrita, audiovisual, virtualizada recorre à Teoria Crítica, aos frankfurtianos e aos clássicos modernos sobre o fascismo e o autoritarismo, tais como: *Psicologia de Massas do Fascismo* (Reich, 2019); *A personalidade autoritária* (Adorno, 2019); *As origens do totalitarismo* (Arendt, 1989). Assim, a professora estuda e dialoga sobre os afetos do medo, ressentimento e ódio, a falta de empatia, o horror do outro e a “pulsão de morte” que marcam os tempos sombrios no Brasil, nos anos 20 do séc. XXI.

Todavia, Tiburi se move sempre numa verve afirmativa, o que faz sua Filosofia transcender a “dialética negativa” de Adorno e propõe o uso de uma razão lúdica, afetiva e política. Assim como Habermas realizou em suas obras, a escritora enfrenta o Sistema-Mundo (econômico-político) por todos os flancos e faz sua denúncia (em aulas, conferências, livros, vídeos, exposições, peças de teatro), criando legiões de leitores, fãs, seguidores, mulheres pensadoras, e embora não seja uma habermasiana, contribui para a formação de uma esfera pública feminina e antenada na politização da vida cotidiana.

É interessante perceber uma certa convergência entre alguns aspectos da sua obra e a do filósofo alemão Habermas. Relembremos, a teoria da “esfera pública” habermasiana é uma idealização, mas a sua promessa de realização vai longe, pois a obra tem atravessado nações e décadas (1963-2023).

A esfera pública continua a ser um princípio organizador de nossa ordem política [...] Se formos bem sucedidos em compreender historicamente, em suas estruturas, o complexo que atualmente subsumimos, de modo confuso, sob o título “esfera pública”, poderemos esperar aprender sistematicamente, por meio do esclarecimento sociológico do conceito, nossa própria sociedade a partir de uma de suas categorias centrais (Habermas, 2014, p. 235).

4

Considerada sua obra prima, a *Teoria da Ação Comunicativa* (1981), Habermas amplia a sua Teoria Crítica explícita em *Mudança Estrutural na Esfera Pública* (2014). Em linhas gerais, o diálogo, as interações simbólicas e as intersubjetividades levam a um entendimento, a um consenso (um acordo entre as diferenças). Logo, por meio da ética discursiva e competência da ação comunicativa, acessamos politicamente um espaço público democrático. Sua filosofia, como dissemos, tem algo de utópico e idealista, mas que ajuda a dissipar as trevas da distopia cotidiana; ou seja, conhece as tensões e conflitos, mas aposta afirmativamente na sua superação e conquista da mediação social comunicativa.

Desde então, não cessam de surgir no mundo inteiro projetos teóricos e ações como atualizações do “espaço público” clássico, em uma diversidade de esferas que serão exemplificadas ao longo deste artigo. Convém perceber como Tiburi atua em vários campos da ação pragmática, performando novas expressões da esfera pública, de maneira orgânica, histórica, social, ético-política.

Interseccionalidades públicas: feminismo & outras minorias ideológicas

As feministas fizeram a crítica de Habermas, mas assimilaram sua geografia de pensamento e redimensionaram o conceito do “espaço público” clássico, em várias esferas direcionadas ao feminismo, minorias, negros, latinos, entre outras direções.

O trabalho teórico-filosófico (de cunho ativista político) da feminista Nancy Fraser (1992), por exemplo, representa uma modulação de pesquisa que assimila os pressupostos filosóficos de Habermas e os atualiza, os redimensiona e os redistribui em esferas públicas concernentes a vários setores sociais, dentre os quais o feminismo. Nesse sentido, a inscrição de Frazer contribui para entendermos esse contexto de democratização com ênfase na perspectiva feminista, além do apoio às lutas identitárias. Leitora de Habermas, suas reivindicações se fazem pelo reconhecimento do outro e pela redistribuição dos direitos (Bressiani, 2011; Anselmini; Cristianetti, 2020) e estabelece os termos de uma esfera pública radicalmente democrática, inclusiva, feminista e que enfrenta vigorosamente o sistema capitalista, também de uma forma teórico-poética (como Tiburi), conforme se pode ler nos títulos dos seus livros².

Por sua vez, Seyla Benhabib (2006) combina a Teoria Crítica com a Teoria Feminista, na obra *“As reivindicações da cultura: igualdade e diversidade na era global”*. Segundo a autora, a identidade se constrói face à alteridade, pluralidade e diversidade; logo, a nova esfera pública será dialógica, intersubjetiva, ético-discursiva e comunitária. Benhabib articula antes de tudo uma outra ideia do universalismo, não-eurocêntrico nem etnocêntrico. Ela relê Habermas e Arendt, absorvendo a crítica da tirania e do autoritarismo, e contempla, além da luta feminista, os exilados, imigrantes, os despatriados do planeta. Assim como Tiburi, inscreve-se no âmbito de uma ética comunitária, inclusiva, constituindo-se porta-voz nas mídias, no jornalismo e no campo editorial, como arauto da liberdade e emancipação da espécie. Sua vasta obra tem sido discutida no mundo inteiro, sinalizando novas direções na Teoria Social, nos estudos culturais e feministas³.

² Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito (2022), O velho está morrendo e o novo não pode nascer (2020), Capitalismo em debate – Uma conversa na Teoria Crítica (coautoria, 2020), Fortunas do Feminismo: do Capitalismo Gerido pelo Estado à Crise Neoliberal (2020), Transnacionalizando a Esfera Pública (2014), Práticas Indisciplinadas: Poder, Discurso e Gênero na Teoria Social Contemporânea (2008), e Redistribuição ou recognição? Uma troca político-filosófica (coautoria, Honneth, 2004), Feminismo para os 99%: um manifesto (coautoria, 2019).

³ Eis alguns livros de Seyla Benhabib, cuja repercussão mundial já constitui uma praxe na pesquisa de gênero contemporânea: Situando o Self. Gênero, Comunidade e Pós-Modernismo na Ética Contemporânea (2021), Debates feministas: Um intercâmbio filosófico (coautoria com Judith Butler e Drucila Cornell (2018), Dignidade

De modo similar, podemos observar o trabalho Esferas públicas no Brasil (Perlato, 2018), em que o autor faz a crítica da “esfera pública seletiva” e ressalta o poder das “esferas públicas subalternas, periféricas”, numa perspectiva reconstrutiva, includente, comunitária. A publicação desse livro revigora a potência da imaginação criadora, reinvenção e reconstrução política, endereçando caminhos para a democracia.

No que diz respeito à teoria social e às ações identitárias, cumpre observar a obra *Batalhas Moraes. Política Identitária na Esfera Pública Técnico Midiatizada* (Miskolci, 2021), uma etnografia robusta da sociedade estadunidense em clima de guerra cultural e emergência da extrema-direita no contexto político e cultural. Indo além, o autor critica a midiatização tecnológica controlada pelo neoliberalismo e a mediação discursiva conservadora, misógina, homofóbica e xenófoba.

O penúltimo livro de Habermas, *Também uma História da Filosofia* (2019), tem dois volumes, *A constelação ocidental de fé e saber* (v.1) e *A liberdade racional – Traços do discurso sobre fé e saber* (v.2). Neles, Habermas trata do conflito dos fundamentalismos, referindo o problema da religiosidade dos imigrantes no contexto de laicidade das sociedades liberais ocidentais, isto é, a cultura europeia. Mas o foco sobre a interface fé e ciência nos serve para repensar o fundamentalismo religioso brasileiro, atuante desde os anos 80, em conexão com o mercado, mídia e política parlamentar. E, particularmente, remete às relações com a extrema-direita, a perseguição dos evangélicos aos cultos de ascendência africana e a acirrada campanha política contra os direitos dos grupos identitários (mulheres e pessoas LGBTQIAPN+), nos programas de TV, nas redes sociais, orquestrada pela bancada evangélica no Congresso Nacional. Essas questões são abordadas por Márcia Tiburi nos livros e aulas na Internet, concernentes à ética, estética, políticas identitárias, da cultura do ódio à redemocratização.

A propósito, no último livro de Habermas *Uma nova mudança estrutural na esfera pública e na política deliberativa* (2023), o autor (do alto dos seus 94 anos) permanece atento a tudo: tem consciência da volta da extrema-direita, das fissuras democráticas, das mídias sociais, da produção da desinformação e da “plataformização da esfera pública”, que bloqueiam as interações sociais e linguísticas. Mas Habermas reafirma o projeto de reconstrução do espaço público (desafiando a razão funcionalista que rege o ambiente das plataformas), e aposta na ética discursiva e ação comunicativa como meios de

na Adversidade: Direitos Humanos em Tempos Conturbados (2013), Crítica, norma e utopia: um estudo dos fundamentos da teoria crítica (1987).

redemocratização. Ele reconhece a importância de uma “educação digital” e da “intersecção de esferas semipúblicas concorrentes rumo a uma esfera estritamente pública” (Moita, 2023, p. 3).

Tiburi vai mais além e trata de agir sob orientação de uma ética poética, cuja emanação discursiva conduz à experiência do “comum”, em que corpos e almas se encontram, em uma experiência de comunhão e solidariedade. Este seria o papel de uma Filosofia Prática: levar os atores sociais a exercerem a máxima nietzschiana: “Como nos tornamos o que somos”. Nesse sentido, o “devir sujeito” (expressão usada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *O anti-édipo*, em 2011) passa pelo crivo das socialidades e intersubjetividades. Tiburi se guia por uma “razão sensível”, de Michel Maffesoli, e também “aposta” afirmativamente que o sistema econômico, político, burocrático pode ser transformado na *práxis* das interações ético-poéticas (tópicos de sua Filosofia Prática).

A obra *Filosofia Prática* (2016), de Márcia Tiburi, atua como uma chamada para vislumbrarmos a passagem da Ética (canônica na Filosofia Clássica, de Aristóteles a Hegel) a uma “nova” Ética-Poética, em que somos convidados a uma autorreflexão a partir das prosaicas expressões, linguagens e atitudes “comuns” na praça pública, onde interagimos com os outros. E sua estrutura organizacional se ordena em quatro capítulos:

O primeiro capítulo, sob a forma de uma pergunta, remete à filosofia de Nietzsche: “Como me torno quem sou?”. E cai como uma luva para nossos tempos minados pela ignorância, personalidade autoritária, ódio, ressentimento e corrupção. Tiburi recupera um dos textos cruciais da civilização moderna: *Eichman em Jerusalém – Um relato da banalidade do mal* (Arendt, 1999), em que o carrasco nazista é visto não como um “monstro”, mas como uma pessoa comum, que poderia ser qualquer um de nós. Também na mesma obra, Tiburi demonstra como o “mal” tem sido banalizado em nossa época, no Brasil. Recorre ainda às imagens de Kafka para desvelar o “absurdo da existência”, em um mundo governado por “personas autoritárias” e cuja irreabilidade cotidiana dos “patriotas e terraplanistas” é sintoma da negação ao conhecimento da história e da sociologia.

Tiburi permanece atenta às formas do controle sobre os corpos na sociedade midiatisada e enxerga as capilaridades do poder nos interstícios sociais, conforme define Michel Foucault (2007; 2013), em suas obras sobre o fenômeno do poder. Cumpre sublinhar como a autora recorre à filosofia de Foucault e aos seus conceitos de “micropolítica”, “biopoder”, “biopolítica”, partes essenciais na “genealogia do poder” tecida pelo pensador (desde a obra *Vigiar e Punir* até as mais recentes, como *O Nascimento da Biopolítica*). Tal

expediente serve à filósofa para decifrar as formas de exercício do poder e controle sobre os corpos, além das táticas de coerção, repressão e violência. Tiburi captura, via Foucault, as formas dóceis de controle na sociedade contemporânea, através do “panóptico”, o olho que tudo vê sem ser visto e das tecnologias disciplinares que invisivelmente se espalham pelas seitas religiosas, políticas, milicianas, midiáticas. Em relação à TV, o seu livro *Olho de Vidro* (2011) talvez possa aprofundar o debate.

No segundo capítulo, “O que estamos fazendo uns com os outros?”, problematiza uma das questões mais sensíveis no que respeita à socialidade contemporânea: o medo, indiferença e ódio ao outro, uma das patologias mais evidentes da atualidade, conforme proposto pela autora. Para isso, recorre a Freud, para pensar a figura estranha do “desconhecido conhecido” ou do “conhecido desconhecido” (Tiburi, 2016, p.102). A autora critica “o vazio da ação”, a “pseudoatividade” e propõe um diálogo (o qual vemos de maneira similar ao exercício da “intersubjetividade habermasiana”) para enfrentar o vazio da linguagem, a solidão, a anestesia, o vazio da emoção, a ostentação, o delírio do consumo e a falsa indústria cultural da felicidade. E ainda aqui remonta o cinema de Wood Allen, no filme *Para Roma com amor* (2012), fazendo a crítica da indústria da fama e a fábrica de celebridades.

Ainda nesse capítulo, Tiburi, revisitando Agnes Heller, oferece uma pérola, que deveria servir aos jornalistas como valioso conselho, pois focaliza o cotidiano, o espaço-tempo onde se debruçam os repórteres e cronistas no exercício do seu ofício:

O conceito filosófico de cotidiano implica a vida, assim como a vida implica o cotidiano [...] compreender o cotidiano para saber estar nele junto com os outros, eis a questão ética que podemos nos colocar. [...] o cotidiano é, pois, o lugar do ordinário, no qual o extraordinário surge como mística. Aquilo que, sempre acontecendo, ao mesmo tempo parece implicar a perda do acontecimento. O cotidiano é aquele lugar em que vivemos implicados em não saber, sob a aura de que nele, tudo já é previamente sabido (Tiburi, 2016, p. 192).

Para este artigo, interessa-nos particularmente o quarto capítulo, “Ética e Cotidiano Virtual”, pois trata das interações sociais nos tempos da virtualidade, dos fantasmas, “almas midiatizadas”. Então, nos termos de uma Filosofia Prática, examina o cotidiano como rede, pessoas e coisas misturados numa mesma ontologia. Estuda essa nova espécie de religião irradiada pelos *media* (de que fazem parte os celulares, internet e redes sociais), e busca os contornos da Ética no âmbito da experiência digital generalizada. Tiburi cita os filmes *Blade*

Runner (1982) e *Alien, O Oitavo Passageiro* (1979) para problematizar a ética dos ciborgues (e dos humanos, seus criadores) como enigmas a serem enfrentados.

Ela recorre a Flusser e a sua teoria de que somos funcionários da máquina fotográfica, e como nos caberia reverter esse processo, fazendo coisas além do que imaginaria o aparelho. Tiburi, em linhas gerais, apresenta um raciocínio similar à crítica explícita em *Os Engenheiros do Caos* (da Empoli, 2022) ou *A Máquina do Caos* (Fischer, 2023), e chega a ser irônica em seus subtítulos: “A ratoeira da internet” ou “Redes Sociais como ratoeiras”. Pensamos que sua crítica se dirige às novas formas da indústria cultural e à espetacularização da vida (tanto pela televisão quanto pela internet), mas sabe transformar (teórico e pragmaticamente) a “publicização espetacular” em oportunidade para realizar procedimentos de natureza filosófico-política, visando efeitos cognitivos, ético-estéticos que transcendem o culto da personalidade, o êxtase midiático e a (des)orientação da vida para o mero consumo.⁴

Tiburi alude aos procedimentos escusos de produção das *Fake News*, desinformação, pós-verdade, na internet e redes sociais, como o filósofo teuto-coreano Han, que critica o que chama de “infocracia” e “infodemias”, em que “a verdade decai em poeira de informação levada pelo vento digital” (Han, 2022, p. 107).

Entretanto, Tiburi não é negacionista em relação às virtudes éticas das tecnologias interativas a serviço da democratização da informação. Em verdade, sua Filosofia Prática almeja o “desvendamento da vida cotidiana” como “prática pensante, espécie de dança do pensamento que ensina a dançar a vida”. “[...] a alegria do pensamento é a prática como realização de um desejo de ir além de si. Desejo que chamaremos de ética e que, estando nos livros, sonha atingir todos os espaços de nossa existência” (Tiburi, 2014, p. 300).

Ampliando as arestas dessa Filosofia Prática, relembramos que a ética poética que habita os livros, espraia-se na dimensão da “esfera pública informacional”, por onde ecoa sua voz nas aulas no YouTube⁵.

⁴ Caberia relembrar sua participação no prestigiado dossiê da revista CULT, 199, mar./2015, cuja chamada de capa tornou-se célebre no meio editorial feminista: Márcia Tiburi – A filósofa vai à guerra, cria um partido e declara “o feminismo se resolve na revolução”. A rigor, o dossiê tematiza A Linguagem do Trauma entre o Poético e o Político, onde Tiburi concede entrevista, aliás, participa de uma reunião com a escritora Leusa Araújo, com Wellington Andrade e os jornalistas Helder Ferreira e Júlia Rabahie para uma conversa sobre feminismo, política e cultura, e daí surgem textos brilhantes.

⁵ Algumas aulas, conferências, vídeos de Márcia Tiburi no YouTube: FILOSOFIA PRÁTICA: Uma reflexão sobre ética e política - PARTE 1 (Disponível em: <https://youtu.be/Gu0fK918I4>); 28/07/2014 - FILOSOFIA PRÁTICA: Uma reflexão sobre ética e política - PARTE 2 (Disponível em: <https://youtu.be/IKEfQoKtiMs>); Discurso de Ódio. Abecedário político com Márcia Tiburi. Filosofia em Comum (disponível em: <https://youtu.be/wUQXa6Pz7rQ>) e DEMOCRACIA & DEMAGOGIA - o que é | Abecedário Político por Marcia Tiburi | Filosofia em Comum. (Disponível em: <https://youtu.be/AedEc20L6fQ>).

Assim, dentre as suas inumeráveis publicações, reafirmamos o valor da obra *Filosofia Prática* (2016), a busca de uma mediação possível entre a abstração filosófica e o Saber Comum que brota dos processos dialógicos, intuitivos e espontâneos na esfera do Cotidiano, para ela uma instância fundamental onde ocorrem os encontros, confrontos e deliberação da ética-poética que revigora o mundo da vida (o olhar de Tiburi tem muito da perspectiva de Michel Maffesoli, um defensor da “razão sensível”).

Ela alerta para a necessidade dos discursos acadêmicos, filosóficos, intelectuais se aproximarem da linguagem coloquial, da prosa do mundo, longe dos jargões, categorias e métodos engessados, e nessa direção cita e recita a pergunta de Roland Barthes: “Por que não falar a língua de todo mundo?”. De algum modo, há aqui também uma busca pelo consenso; só que este deve vir pela via de uma razão lúdico-construtiva.

A partir das abstrações filosóficas, Tiburi nos instiga a uma reflexão sobre a experiência de passagem do jornalismo impresso – que forjou o “espaço público clássico” – ao jornalismo de plataforma que promove uma nova “forma comunicativa de habitar” (Di Felice, 2009) o ambiente informacional, em moldes de “esfera pública feminina”.

10

Práxis histórica de uma esfera pública feminina

Ao longo do “breve século XX”, o movimento das mulheres se destaca nos avanços sociais, econômicos, políticos e culturais, e grandes conquistas na luta pelos direitos civis, ainda que possamos problematizar esses avanços por uma perspectiva interseccional. Entretanto, persistem patologias sociais, como assédio, violência e feminicídio pautados por parte do jornalismo e nos ecossistemas midiáticos informais⁶. Como resposta social surge a formação de uma espécie de “esfera pública feminina” que eleva a autoestima e a otimização da qualidade de vida mental, instigando ações libertárias e emancipatórias. Nesse contexto, caberia relembrarmos três acontecimentos históricos importantes para o cenário brasileiro:

⁶ Não poderíamos deixar de destacar a produção de Márcia Tiburi dedicada à questão feminista, uma parte de sua obra que compõe o seu perfil como defensora dos direitos humanos, direitos civis, exercício pleno da cidadania e da democracia, o que nos permite observá-la como uma das responsáveis pela consolidação do que temos defendido como “esfera pública feminina” e dentre outros títulos destacaríamos: *Feminismo em Comum – para todos, todas e todes* (2018), *Filosofia Feminista* (em coautoria com Maria de Lourdes Borges e Susana de Castro, 2023) e *As Mulheres e a Filosofia* (editoria, em colaboração com Eggert & Menezes, UNISINOS, 2002). Nesse aspecto (e também transcendendo para outros temas), a sua prosa literária é digna de destaque: *Magnólia* (2005), *A Mulher de Costas* (2006), *O Manto* (2009), *Era Esse o Meu Rosto* (2012), *Uma fuga perfeita é sem volta* (2016), *Sob seus pés, Meu Corpo Inteiro* (2018). É importante citar o texto teatral *Um fascista no Divã* (em coautoria com Rubens Casara, 2021), e em parceria com Jean Wyllis, *O que não se pode dizer – Experiências do Exílio* (2022).

O primeiro foi o afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República, em 31 de agosto de 2016. O noticiário na mídia corporativa (*Rede Globo, Folha de S.Paulo, Estado de S. Paulo, VEJA*) insiste na nomenclatura *impeachment* e o jornalismo investigativo, apoiado nos argumentos legais, acadêmicos, científicos (em nível internacional), denuncia o fato como golpe parlamentar, jurídico e midiático. Nesse episódio flagramos a expressão do ressentimento misógino, machista, patriarcal, como demonstram os “atos de fala” de parlamentares como Aécio Neves, inconformado com a derrota no pleito de 2014, e do ex-presidente Bolsonaro, cujo discurso, na ocasião da declaração do seu voto pelo afastamento, homenageia o sinistro torturador de Dilma Rousseff, Coronel Brilhante Ustra, que ficará na história da infâmia nacional.

O segundo fato que abalou a opinião pública foi o assassinato da vereadora Marielle Franco, em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro. Todavia, abalou de forma ambígua pois, diante de uma polarização política, a opinião pública também estava dividida, e com ajuda de algoritmos. Muitos bolsonaristas, por exemplo, repercutiram desinformação sobre Marielle, acreditando na sua ligação com organizações criminosas. Mesmo assim, vale mencionar que a sua morte tornou-se uma referência na agenda pública nacional por vários motivos. Primeiramente porque representa um atentado contra a vida das mulheres, depois porque significa a violência estrutural contra populações negras, pobres e periféricas, e também porque simboliza a perseguição sistemática dos segmentos LGBTQIAPN+ vistos como inimigos pelo patriarcado, TFP (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade) e seitas político-milicianas-religiosas da extrema-direita. O feminicídio é uma ocorrência terrivelmente frequente no país e seus índices aumentaram bastante sob a égide do “turbotecnomachonazifascista” (Tiburi, 2020).

E finalmente, um terceiro acontecimento demarca positivamente a história social e política brasileira: a cerimônia de posse do Presidente Lula, epifanizada pela subida na rampa no Palácio do Planalto, em 1º de janeiro de 2023, acompanhado, além da Primeira-dama, Rosângela Lula da Silva (Janja), de oito representantes dos excluídos da sociedade⁷.

11

⁷ Os oito representantes dos excluídos na sociedade brasileira são: 1. Francisco, menino pobre da periferia paulista, amante da natação e dos esportes; 2. Aline Sousa, da Secretaria da Mulher e Associação dos Catadores do Distrito Federal; 3. Cacique Raoni Metuktire, 90 anos, da aldeia Kramopry-yaka, Amazonas 4. Wesley Viesba Rodrigues Rocha, de 36 anos, metalúrgico do ABC Paulista e participa do grupo de rap “Falange”; 5. Murilo de Quadros Jesus, 28 anos, é professor, formado em Letras Português e Inglês e mora em Curitiba; 6. Jucimara Fausto dos Santos é cozinheira na Associação dos Funcionários da Universidade Estadual do Maringá; 7. Ivan Baron, jovem potiguar com paralisia cerebral é referência na luta anticapacitista e considerado um dos embaixadores da inclusão; 8. Flávio Pereira, 50 anos, é natural de Pinhalão, estado do Paraná. Artesão, esteve na Vigília Lula Livre nos 580 dias ajudando nas atividades cotidianas.

Chama-nos a atenção, de imediato, o caráter democrático da representatividade do “Brasil Real” (citado por Ariano Suassuna), depois como uma resposta à gestão fascista e à cúpula ministerial formada exclusivamente por homens brancos, representantes da extrema-direita neoliberal, cujos discursos e ações promoveram uma “arquitetura da destruição” das conquistas sociais realizadas desde a Constituição Cidadã (1988). A imagem dos excluídos sociais subindo a rampa traduz pragmaticamente o desejo de participação no espaço público, outrora existente apenas de forma ideal e utópica dos cientistas sociais eticamente orientados pelo projeto solidário de inclusão social.

Para concluir

De modo concreto, na área acadêmico-jornalística, os trabalhos atuam contra a “guerra cultural”, *Fake News* e desinformação (Bucci, 2021; Castro Rocha, 2021, 2023; Perlatto, 2018). E aqui entra o contributo das mulheres jornalistas: *A pauta é uma arma de combate* (Moraes, 2022); *A máquina do ódio – Notas sobre uma repórter sobre fake News e violência* (Mello, 2020); *Nós, sobreviventes do ódio – Crônicas de um país devastado* (Serra, 2023). Cumpre notar, Márcia Tiburi é parte da bibliografia da maioria das escritoras, jornalistas e profissionais no campo da ação política.

Estudamos aqui particularmente os agenciamentos que distinguem as esferas públicas formais e esferas informais recentes, em modo avançado, pluralista e includente. E, observamos os procedimentos dos atores sociais em ação no mundo vivido (Habermas, 2014). Depois miramos os trabalhos de pesquisadores, jornalistas e profissionais de mídia investigativa na busca da “verdade factual”, enfrentando a obscuridade e atraso sociocultural e político gerado pelas *Fake News*, desinformação e “dissonância cognitiva”.

Além disso, colocamos em perspectiva a produção intelectual de Márcia Tiburi, no âmbito de um projeto mais amplo, em que pretendemos analisar o trabalho de outras profissionais. Por enquanto, focamos a performance filosófico-política de Márcia Tiburi, que pode contribuir na instância midiático-jornalística engajada na produção de informação e conhecimento para a redemocratização. E particularmente destacamos a sua ética-poética discursiva audiovisual (aulas, conferências e debates no YouTube), que nos alerta para a formação desse novo ambiente midiático-jornalístico, como uma “esfera pública feminina” irrigada pela filosofia, sociologia, psicanálise, história e antropologia, ao alcance de todos, e que solicita um olhar mais detido dos profissionais da área.

Enfim, esperamos assim contribuir para o debate sobre midiatização, jornalismo investigativo, ética-comunicativa, questões de gênero e participação feminina na redemocratização, a partir desse fragmento da pesquisa – ainda em fase de iniciação.

Referências

ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo Unesp, 2019

ANSELMINI, Priscila; CRISTIANETTI, Jessica. Minorias e a Busca pelo Reconhecimento no Estado Democrático de Direito: Uma abordagem a partir de Jurgen Habermas e Nancy Fraser. **Revista Jurídica CESUMAR**, v. 20, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/7819>. Acesso em: 24 ago. 2025.

ARENDT, H Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENHABIB, Seyla. **Las reivindicaciones de la cultura**: Igualdad y diversidad en la era global. Barcelona: Katz, 2006.

BENHABIB, Seyla. Sobre um modelo deliberativo de legitimidade democrática. In: WERLE SOARES (org.). **Democracia deliberativa**. São Paulo: Editora Singular, 2007.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: **Obras Escolhidas**, 1994. p. 222-234.

BRESSIANI, Nathalie. Redistribuição e reconhecimento. Nancy Fraser entre Jürgen Habermas e Axel Honneth. **Dossiê – Caderno CRH**, v. 24, n. 62, ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/VyptqKwdK4JyfWr5SkHQkfJ/?lang=pt#>. Acesso em: 24 ago. 2025.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CASTRO ROCHA, João Cesar. **Bolsonarismo**. Da Guerra Cultural ao Terrorismo Doméstico. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CASTRO ROCHA, João Cesar. **Guerra Cultural e Retórica do Ódio – Crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

CORREIO BRAZILIENSE, Escritora Marcia Tiburi revela que deixou o país após ameaças de morte. **Correio Braziliense**, 11 mar. 2019. Disponível em: https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/03/11/interna_politica_742248/escritora-marcia-tiburi-revela-que-deixou-o-pais-apos-ameacas-de-morte.shtml. Acesso em: 25 ago. 2025.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os Engenheiros do caos**. Porto Alegre: Vestígio, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens Pós-Urbanas**. As formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

FISCHER, Max. **A máquina do Caos**. Como as redes reprogramaram nossa mente e nosso mundo. S.Paulo: Todavia, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. S. Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 2013.

FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. In: FRASER, N. **Habermas and the Public Sphere**. Mass: The MIT Press, 1992.

GONZALEZ, Mariana. Márcia Tiburi volta ao Brasil após 4 anos exilada: 'Quero me sentir em casa. Esse é um direito meu'. **Marie Claire**, 07 jun. 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/07/marcia-tiburi-volta-ao-brasil-apos-4-anos-exilada-quero-me-sentir-em-casa-esse-e-um-direito-meu.ghtml>. Acesso em: 25 jun. 2025.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Também uma História de Filosofia**: a constelação ocidental de fé e saber – v.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Também uma História de Filosofia**: a liberdade racional – traços do discurso sobre fé e saber – v.2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria da Ação Comunicativa**. São Paulo: Editora Unesp, 1981.

14

HABERMAS, Jürgen. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. São Paulo: UNESP, 2023.

HAN, B.C. **Infocracia**. Digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. São Paulo: Record, 2001.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio**: Notas sobre uma repórter sobre fake News e violência. S. Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas Morais**. Política Identitária na Esfera Pública Técnico Midiatizada. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

MOITA, Cristiano. A Esfera Pública Digitalizada. Resenha do livro Uma nova mudança estrutural na esfera pública e na política deliberativa, 2022. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 10, n. 2, mai./ago. 2023. Disponível em:

<https://revista.abrasd.com.br/index.php/rbsd/article/download/749/333/>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**. Porto Alegre: Editora Arquipélago Editorial, 2022.

PERLATTO, Fernando. **Esferas públicas no Brasil**. Curitiba: Appris, 2018.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

SERRA, Cristina. **Nós, sobreviventes do ódio**: Crônicas de um país devastado. Rio de Janeiro: Editora Máquina de Livros, 2023.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista.** Rio de Janeiro: Record, 2015.

TIBURI, Márcia. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum.** Para todos, todas e todes. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

TIBURI, Márcia. **Filosofia prática:** Ética, vida cotidiana, vida virtual. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TIBURI, Márcia. **Olho de vidro.** A televisão e o estado de exceção da imagem. São Paulo: Record, 2011.

TIBURI, Márcia; WILLYS, Jean. **O que não se pode dizer.** Experiências do Exílio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

Submissão: 28 out. 2024

Aceite: 09 jun. 2025